

DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO EMOCIONAL NO COMBATE À VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NO AMBIENTE ESCOLAR

Autor: Bruno Laurentino da Silva; Co-autor: Lucilene Lopes do Nascimento; Co-autor: Maria Eduarda de Oliveira Bezerra Medeiros; Co-autor: Robson Diego Silva de Oliveira;
Orientador: Karlla Christine Araújo Souza.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

b_laurentino_s@hotmail.com; lucilene.lopes@outlook.com.br; mariaeduardadeoliveirabm@gmail.com;
robson2108@gmail.com; karlla_chris@yahoo.com.br.

Resumo: A educação é a base estrutural de toda construção de conhecimento do indivíduo desde sua infância, é a partir desse ensinamento que toda uma cultura é transmitida para o mesmo, que vive num meio social. Seja através da linguagem oral, gestual ou escrita a educação é retroalimentada de diversas formas no intelecto do ser humano. A educação emocional, por sua vez, é composta por laços dentro e fora do ambiente escolar, e que por vezes esses laços são feitos e desfeitos trazendo para o interior do indivíduo traços psicológicos que podem traumatizar ou ressignificar uma vida inteira dependendo do ambiente e estímulo do convívio. A violência simbólica também apresenta-se dentro e fora do ambiente escolar, ou seja, é o pivô de toda uma desestruturação emocional e deixa marcas por toda a vida caso este não venha a passar pelo processo da resiliência. O presente trabalho tem por objetivo traçar um estudo sobre as múltiplas maneiras de abordar e vivenciar a educação emocional no cotidiano escolar como forma de tratar as questões de violência simbólica, elencando desafios e perspectivas da temática. Também contemplar-se-á na abordagem, relatos de experiências de profissionais da educação atuantes nos ensinamentos: Infantil; Fundamental e Médio que baseiam suas práticas pedagógicas na desconstrução do processo de violência simbólica no âmbito escolar através da ressignificação das relações interpessoais. Para tanto, a metodologia da pesquisa apresenta-se de natureza qualitativa, fundamentada em um referencial bibliográfico que enfoca comportamento/educação emocional; educação escolar; e violência simbólica. Autores como Boris Cyrulnik, Paulo Freire, Zygmunt Bauman, entre outros que contemplarão a base teórica da pesquisa.
Palavras-chave: Educação Emocional; Violência Simbólica; Escola; Práticas Pedagógicas.

1- INTRODUÇÃO:

Desde os primórdios a educação (formal ou informal) apresenta-se como uma base estrutural de toda construção de conhecimento do indivíduo, expõe-se a partir da sua infância e continua na fase adulta e vai até o fim de sua vida. Por tanto, é através desse ensinamento que toda uma cultura é transmitida para o mesmo, em seu meio social, e este por sua vez, tem a função de adquiri-la e assimilá-la no seu convívio pessoal.

É sabido que é através da linguagem oral, gestual ou escrita que a educação é retroalimentada de diversas formas no intelecto do ser humano. De acordo com Brandão (2004), a respeito da educação:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. (BRANDÃO, 2004, p.3)

A educação por sua vez, apresenta-se de diversas maneiras, inclusive como educação emocional, a qual irá enfocar agora. Segundo a mesma, compõe-se por laços dentro e fora do ambiente escolar, e que por vezes esses laços são feitos e desfeitos trazendo para o interior do indivíduo traços psicológicos que podem traumatizar ou ressignificar uma vida inteira, dependendo do ambiente e estímulo do convívio. De acordo com Wedderhoff (2001):

A educação emocional, certamente, não pode ser vista como um fenômeno exclusivamente escolar. Constitui-se num processo de construção permanente, originado no seio da família, passando pela escola e continuando por toda a vida. Porém, não pode ser vista como mais um tipo de auto ajuda, uma receita que transforma problemas em soluces. E isso fica bastante evidente, considerando que o principal objetivo deste novo paradigma tem como premissa o crescimento emotivo-intelectual do ser humano. (WEDDERHOFF, 2001, p. 68)

Dessa maneira, ao abordar a questão da educação emocional é também pertinente relatar sobre violência simbólica e resiliência, faz-nos salientar, a recordação dos livros “*Os patinhos feios*” (2004) e a “*Autobiografia de um espantalho. Histórias de resiliências: o retorno à vida*” (2009) do psicanalista Boris Cyrulnik. Sobretudo quando o autor sintetiza suas histórias como sendo reais envolvendo: tristeza, situações de força, fibra, momentos reconfortantes, violências física e/ou simbólica entre tantas outras situações que segundo o mesmo, a recuperação é possível acontecer através da resiliência, entretanto somente para aqueles que desejam resilir-se. Para Cyrulnik (2004),

A resiliência é a arte de navegar nas torrentes. Um trauma empurrou um sujeito em uma direção que ele gostaria de não tomar. Mas, uma vez que caiu numa correnteza que o faz rolar e o carrega para uma cascata de ferimentos, o resiliente deve apelar aos recursos internos impregnados em sua memória, deve brigar para não se deixar arrastar pela inclinação natural dos traumatismos que o fazem navegar aos trambolhões, de golpe em golpe, até o momento em que uma mão estendida lhe ofereça um recurso externo, uma relação afetiva, uma instituição social ou cultural que lhe permita a superação. (CYRULNIK, 2004, p. 207)

Aqueles que preferem não submeter-se ao processo de resiliência optam há levar pelo resto da vida as marcas do trauma (muitas vezes essas marcas tornam-se tão íntima da vítima, que esta não consegue viver sem). A violência simbólica, por sua vez, também se apresenta dentro e fora do ambiente escolar, ou seja, é o pivô de toda uma desestruturação emocional no indivíduo.

Deste modo, o presente trabalho tem o objetivo de traçar um estudo sobre as múltiplas maneiras de abordar e vivenciar a educação emocional

no cotidiano escolar como forma de tratar as questões de violência simbólica, elencando desafios e perspectivas da temática. Bem como, apresentar relatos de experiências de profissionais da educação atuantes nos ensinos: Infantil; Fundamental e Médio que baseiam suas práticas pedagógicas na desconstrução do processo de violência simbólica no âmbito escolar através da resignificação das relações interpessoais.

No primeiro momento fomentamos a discussão da temática a partir de autores que versão sobre educação emocional, violência simbólica que por conseguinte resulta posteriormente numa resiliência. Objetivamos ter como público alvo professores da rede de ensino público e privado que estejam em pleno exercício de suas atividades docente, numa busca de contribuir com No segundo momento do trabalho, apresentamos relatos dos professores sobre suas vivencias na escola e como elaboram suas estratégias pedagógicas contra violência simbólica.

2- METODOLOGIA

O presente trabalho norteia-se de natureza qualitativa fundamentada a partir de entrevistas semiestruturadas aos professores de ensino infantil, fundamental e médio das cidades circunvizinhas de Mossoró-RN, além de um referencial bibliográfico que enfoca alguns aspectos da educação emocional, violência simbólica voltada para as disciplinas da educação básica de ensino e suas respectivas problemáticas, tendo por tanto como público alvo, professores de escolas públicas e privadas. Apresentamos aqui um referencial com ênfase em alguns autores como: Zygmunt Bauman (2001); Bóris Cyrulnik (2004, 2009), Paulo Freire (1987), Elísio Wedderhoff (2001), Brandão (2004), Moreno (1999), Durkheim (1967) entre outros que fomentam a realidade da educação básica de ensino no país.

3- RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1- NOS CAMINHOS DA EDUCAÇÃO EMOCIONAL

A educação emocional como já foi exposto anteriormente não pode ser visto como um modelo trabalhado somente na escola, por tanto, a família deve apresentar um papel muito importante nessa tarefa. É ela que deve conduzir os primeiros passos da sensibilidade emocional da criança. Entretanto, sem uma estrutura preparada pela família e o corpo escolar na construção da identidade do indivíduo e da educação torna-se

um método tradicional de ensino precário. Por tanto o desenvolvimento emocional da criança deve ser pensado como diria Wedderhoff (2001):

O desenvolvimento emocional do ser humano se dá, fundamentalmente, em três fases: a aquisição — refere-se á expresso e á percepção das emoções, momento no qual o indivíduo, além da aquisição e prática das diferentes emoções, também dá a elas um “toque pessoal”; o refinamento — refere-se ás modificações das emoções, principalmente em função do seu meio social e cultural — pode refletir tanto um aguçamento de emoções, quanto um afastamento em relação a um comportamento específico; as transformações — referem-se ás mudanças nos sistemas de processamento das emoções, como na forma de pensar ou reagir diante de determinada situação. (...) podemos dizer que o desenvolvimento emocional é um processo de construção pessoal, porém, altamente influenciado pelo meio. (...) em muitos outros países (inclusive no Brasil, em menor escala), já se pratica a educação emocional. (WEDDERHOFF, 2001, p. 70)

Muitas vezes na sala de aula através da figura do professor, este ainda apresenta um método tradicional de ensino (único modelo que aprendeu durante a vida acadêmica e com o passar dos anos não aperfeiçoou suas ideias para uma nova metodologia de ensino) que nem sempre são eficientes para satisfazer a compreensão dos alunos, bem como, não trabalha a realidade da educação emocional na atualidade por falta da formação especializada.

Este desequilíbrio na educação em nossa sociedade deu-se pelo fato de que o ensino tradicional se centrou no mundo exterior ao homem, ou seja, no comportamento do mundo dos objetos, dando menos importância ao comportamento das pessoas, os seus sentimentos e o autoconhecimento, basta lembrarmos as disciplinas que os âmbitos escolares atribuem mais importância como a matemática ou a física, negligenciando muitas vezes outras disciplinas que oferecem uma maior compreensão sobre o comportamento e relações humanas.

O desconhecimento do comportamento e das relações humanas acarreta em graves problemas sociais, como por exemplo, os casos de médicos que negligenciam seus pacientes ou os professores que sonegam o direito a uma educação de qualidade aos seus alunos, e em uma esfera ainda maior temos os preconceitos, a violência e o individualismo exacerbado. Há então uma desarmonia de ideias que divergem com as necessidades emocionais dos alunos como aponta Moreno (1999),

Parcelas muito importantes do universo humano, concernentes aos afetos, aos sentimentos, às relações interpessoais e a tudo aquilo que faz parte da chamada “Vida cotidiana”, estão excluídas do que é considerado digno de constituir objeto de conhecimento e, portanto, de ser ensinado na escola. (MORENO, 1999, p. 44).

Em detrimento da realidade apresentada, é necessário ressaltar mais uma vez, a importância que a família e a equipe pedagógica da escola têm de fazer a criança passar pelo próprio processo de auto identificação, para tanto, seria ideal uma construção de formações para o corpo docente da escola, bem como para todos os familiares numa busca pela preservação da autoconfiança dos alunos. Apoiando-se no raciocínio de Moreno (1999),

Os sentimentos podem constituir uma ponte de ligação privilegiada entre o conhecimento cotidiano, que se experimenta dia a dia, e o conhecimento acadêmico, que se apoia numa série de procedimentos e técnicas de reflexão sobre algumas parcelas da realidade que nem sempre estão próximas do interesse do alunado. (MORENO,1999, p. 46).

A falta de uma educação que envolva as emoções dos sujeitos contribui para uma ausência de compreensão sobre o próprio comportamento e o dos demais indivíduos, tornando assim o convívio social propício a ações descontroladas, conflitos interpessoais, enfraquecimento dos laços sociais e as diversas formas de violência simbólicas.

3.2- APROFUNDANDO A QUESTÃO DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

A violência simbólica na escola não é um fato novo, segundo Souza (2012, p. 22) “novas formas de violência escolar nascem cotidianamente, fatos estes que têm tornado a violência o objeto de estudo de pesquisadores de diversas áreas, pois ela afeta a sociedade como um todo”.

Esta violência na escola é um fato preocupante, pois além dos professores buscarem uma maneira de solucionar ou amenizar as situações em sala de aula, ainda assim, casos novos constantemente vão surgindo, forçando aos docentes a reciclarem sua didática periodicamente para contemplar esses novos desafios a ser findados posteriormente. E mais uma vez, o ciclo se inicia novamente, pois novas violências vão surgindo, parecendo até que todos os esforços dos educadores não serviram ou não foram suficientes o bastante, porém, vale salientar uma das palavras de Durkheim (1967), que segundo o mesmo em uma de suas críticas à educação, fomenta a ideia de que não existe uma educação perfeita, entretanto, não havendo perfeição, deve-se constantemente almejá-la, pois é através dessa incansável busca que novas ideias vão se reciclando e aplicando no cotidiano escolar.

Ainda de acordo com a violência simbólica, Santos (1999, apud SOUZA 2012) vai dizer que:

Segundo alguns autores a violência é algo complexo e polissêmico, isso é, apresenta diferentes sentidos, e o seu significado se define a partir do seu contexto formador social, econômico e cultural, de acordo com o sistema de valores adotados por cada sociedade e levando em considerações os seus níveis de tolerância para com a violência (Santos, 1999 Apud SOUZA, 2012, p. 21).

Cada sociedade em si, apresenta determinadas condições culturais que varia de lugar em lugar os traços de violência simbólica, em contrapartida não é uma cultura que origina novos traços violentos no âmbito escolar, mas sim, todo um contexto que a sociedade apresenta ao redor do indivíduo que nasce associal e egoísta e que se molda de acordo com o meio a qual convive. Durkheim (1967) ressalva que:

A sociedade se encontra, a cada nova geração, como que em fase de uma tabula rasa, sobre a qual é preciso construir quase tudo de novo. É preciso que, pelos meios mais rápidos, ela agregue ao ser egoísta e associal, que acaba de nascer, uma natureza capaz de vida moral e social. (DURKHEIM, 1967, P. 42)

Quando citamos a palavra *violência simbólica* certamente, aos educadores logo vêm a mente suas lembranças em sala de aula do que seria cada uma das violências, no entanto, não estamos aqui tentando descrever o que seria cada uma delas, pois seria impossível expor cada qual, levaríamos muito tempo referindo algo que constantemente está surgindo novos desafios. Entretanto, também não estamos aqui apresentando uma “formula mágica” de solucionar os problemas que ocorrem frequentemente em sala de aula sobre violência simbólica. Dessa maneira, o que nos cabe aqui é apresentar relatos de pessoas da área da docência que tem como didática um mecanismo de conscientização aos alunos e que em tais circunstâncias, apresenta em seu ambiente de sala de aula uma posição satisfatória para uma boa educação emocional com os alunos.

3.3- RESILIÊNCIA

Falar de resiliência, muitas vezes se torna algo que doe e corroe muitas pessoas que não passaram por esse processo ainda. Mas então o que seria esse termo? O que seria de fato resiliência? Segundo Pinheiro (2004 apud SEQUEIRA 2009, p. 2), “O uso do termo *resiliência* ocorreu pela primeira vez em 1966, para descrever as forças psicológicas e biológicas necessárias para superar, com sucesso, as mudanças na vida”. Bem como, surgiram a partir daí, inúmeros trabalhos identificando como a pessoa consegue resilir-se. De acordo com Sequeira (2009)

Surgiram algumas pesquisas identificando o papel do desenvolvimento da capacidade de ser resiliente e, a partir daí, ampliou-se o horizonte da criação de estratégias de promoção de resiliência. Os principais estudos tiveram como foco compreender de que maneira crianças, adolescentes e adultos são capazes de superar adversidades, a partir dos esforços para mapear as causas e a evolução das psicopatologias. (SEQUEIRA 2009, p. 2)

Há ainda muitos autores renomados que já discutiram essa realidade, *a sensibilidade emocional de cada indivíduo*, e como os traumatizados conseguiram ou não passar pelo processo de resiliência. Como diria Boris Cyrulnik (2009), é necessário ter um tutor de resiliência para poder ajudar nos momentos de agonia, este, tem a função de amparar o ferido pelas dores da vida numa tentativa de aliviar o peso da cruz que o traumatizado carrega, mas, esse método só funciona quando o machucado se deixa ser ajudado. Outro autor a abordar essa realidade na área da educação é Paulo Freire (1987):

“A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como ‘seres para si’, esta luta pela humanização somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, *destino dado*, mas resultado de uma ‘ordem’ injusta que gera a violência dos opressores e esta, *o ser menos*. (...) O ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de cria-la, não se sintam opressores, nem se tornem, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos- liberta-se a si mesmo e aos opressores. (...)”.
(FREIRE, 1987, p. 41)

Dessa maneira, podemos compreender que uma pessoa que passou por um trauma seja no ambiente escolar, seja fora da escola traz no seu interior marcas que podem ser levadas para o resto da vida ou podem ser simplesmente apagadas através da construção da resiliência no interior de cada oprimido.

3.4- RELATOS DOS PROFESSORES:

Apresentamos aqui, relatos de professores da rede de ensino público e privado que tiveram experiências com violências físicas de alunos em sala de aula e a partir disso, desenvolveram um método contra outros incidentes no ambiente escolar.

Segundo senhor “T”, professor de português de nível fundamental é médio em uma escola particular em Mossoró-RN:

Quando vejo violência, mando logo para coordenação, onde eles fazem uma ocorrência e a presença dos pais é solicitada. Naturalmente existe um diálogo entre escola e pais, envolvendo o indivíduo que praticou a violência, permitindo que ele tenha uma noção de que o que fez foi errado e que não deve se repetir. Em sala de aula raramente trabalho a violência. Precisamos priorizar as coisas dos livros, então não temos muito espaço para adotar outras temáticas. (entrevista concedida em agosto de 2017)

Senhor “T” é Professor de ensino médio em uma escola particular de Mossoró-RN, por conter informações que não são relevantes no dia a dia de sua disciplina na escola e por receio da não compreensão de sua fala diante da escola, preferiu ficar no anonimato. Porém, o mesmo, acha importantíssimo abordar a questão quando se é oportuno e permitido no ambiente escola assuntos que conscientize os alunos contra a violência simbólica que posteriormente pode ocorrer um trauma emocional. Dessa maneira é necessário haver mais discussões como essas nas escolas (sejam elas públicas ou privadas) para que as ideias possam se propagar entre os educadores e devidamente aplicadas aos estudantes.

Um outro professor assume uma estratégia importante a partir de suas primeiras experiências em sala de aula, segundo Gerônimo de Paiva, professor substituto da Escola Estadual Ruy Barbosa em Tibau-RN e da escola Maria Edice em Melancia em Icapuí-CE, ambas ensino público. Vai ressaltar através de suas disciplinas de nível fundamental e médio, que:

Essa questão da violência simbólica por parte dos alunos é presente sim no nosso dia a dia, e nós como professores é difícil não identificarmos. Sou professor atuante desde 2016, melhor dizendo, e posso sim identificar principalmente a violência verbal, aquela que não parte diretamente para a violência física, mas que acaba começando com a violência verbal, com agressões verbais e eles (alunos) entendem como uma brincadeira, como um ciclo de aceitação, mas que acaba não sendo absorvida pela mesma maneira por todos. O professor deve prestar atenção e ser mediador contra os conflitos. Quando eu percebo esse tipo de situação, procuro utilizar sempre o diálogo, procuro dizer o seguinte: - esse tipo de brincadeira, situação que você acha que é uma brincadeira, mas acaba ferindo de alguma maneira o colega com suas palavras desagradáveis, pode acarretar de um determinado momento ele não entender que é uma brincadeira e revidar verbalmente ou fisicamente e vão acabar entrando em um conflito bem maior, então esse tipo de brincadeira deve ser policiado por vocês mesmo-. E aí eu acabo utilizando uma técnica que eu acabei desenvolvendo pelo extremismo, eu tento utilizar de volta aquele mesmo discurso. – imagine se fosse o contrário essa brincadeira que você traz com um tom de violência, se fosse usado contra você, como reagiria? Se coloque no lugar do outro!-. Eu acho que uma técnica/metodologia que eu desenvolvi em sala de aula foi essa questão de me imaginar no lugar do outro, de se colocar no lugar do outro. - É uma brincadeira? Você está entendendo como uma brincadeira? Mas, se coloque no lugar do outro!-. Fazer essa relação, fazer com que nossos alunos se imaginem no lugar da outra pessoa pode

facilitar que eles percebam que essas brincadeiras muitas vezes são sim violência.

Uma professora da rede privada de ensino na cidade de Areia Branca-RN de nome Lucyana Jessica de Oliveira, trabalha na Escola Educandário Nossa Senhora dos Navegantes, que começou a carreira da docência agora em 2017, segundo a mesma:

É meu primeiro ano, tive anteriormente experiência como monitora do programa mais educação, e que já trabalhava essa questão da violência em sala de aula. Atualmente meus alunos são do nível infantil, crianças de 3 a 4 anos, e já trabalhamos muito a questão da violência simbólica através dos livros didáticos, com historinhas bem como através de vídeos, e músicas. Também comprei uma coleção de livros que trabalha os valores, o nome desse livro é *O que cabe no meu mundo* que é de Kátia Trindade, Editora: Cedic. É uma coleção que trabalha os valores, que trabalha os temas: amizade, gentileza, perseverança, justiça, respeito, honestidade, generosidade, humildade e solidariedade. Ele é uma coleção de 9 livros que trabalham tudo isso. Os livros falam de ter respeito em relação ao outro, fala sobre as diferenças (lemos a história do patinho feio com eles), falamos das diferenças e das semelhanças e que cada um tem seu jeito, já trabalhamos músicas, uma delas tem o nome *como é bom ser diferente*. Faço uma roda de conversa com eles e conto as histórias, eu canto a música e depois pergunto a eles o que perceberam da história e do modo deles, vão assimilando as ideias e aceitando as diferenças de cada um. Coloco na sala de aula a nossa realidade, o que temos em comum e o que temos de diferente. Eu trabalho essa questão dos valores com eles por serem menores e eles estão construindo essa questão dos valores desde pequeno, construindo essa temática se torna mais fácil conscientiza-los.

Percebemos através das falas dos três professores o quanto é difícil trabalhar a realidade das violências simbólicas, bem como, a educação emocional, para que no futuro as crianças ou adolescentes não precise resilir-se, o ideal seria que todas as escolas pudessem trabalhar essas temáticas, porém nem todas elas tem a consciência da realidade dos fatos, findando assim, uma educação emocional mascarada dentro do convívio escolar.

4 – CONCLUSÕES

O primeiro momento do trabalho fomentou as ideias dos autores segundo a concepção da educação, especialmente a emocional, bem como a violência simbólica e como se apresenta no nosso meio. Para muitos autores, é possível perceber que a temática da educação já está sendo trabalhada em alguns lugares do Brasil, porém, a maior preocupação está em lidar com a situação das violências física e simbólica, alguns docentes procuram estratégias novas para aplicar em sala, outros querem inovar, entretanto não lhe é permitido pois a conduta da pedagogia escolar não lhe permite, outros

preferem utilizar somente seu método tradicional de ensino automático sem se importar com a sensibilidade emocionais dos alunos.

Por tanto, a partir da fala dos professores podemos concluir que se é necessário haver um diálogo constante entre escolas do país sobre a realidade de ensino dos alunos e da contribuição de metodologia dos docentes sobre as temáticas em questão. Precisamos valorizar a essência do aluno e a partir disso, poder formar um cidadão consciente em respeito ao próximo sem precisar desvalorizar a profundidade da realidade do outro. A gestão escolar por sua vez, deve atuar junto aos pais numa medida pelo menos provisória na solução de problemas emocionais dos alunos. Libâneo (2013) sintetiza que,

As concepções de gestão escolar refletem diferentes posições políticas e concepções do papel da escola e da formação humana na sociedade. Portanto, o modo como uma escola se organiza e se estrutura tem um caráter pedagógico, ou seja, depende de objetivos mais amplos sobre a relação da escola com a conservação ou transformação social. A concepção técnico-científica, por exemplo, valoriza o poder e a autoridade, exercidos unilateralmente. Ressalta relações de subordinação e rígidas determinações de funções e, ao supervalorizar a racionalização do trabalho e nome da eficiência e da produtividade, tende a retirar ou, ao menos, diminuir nas pessoas a faculdade de pensar e decidir sobre seu trabalho. (...) Por sua vez, as outras três concepções tem, em comum, uma visão de gestão que se opõe a forma de dominação e subordinação das pessoas e consideram essencial levar em conta os aspectos sociais, políticos e ideológicos, a construção de relações sociais mais humanas e justas, a valorização do trabalho coletivo e participativo. (LIBÂNEO 2013, p. 105)

É preciso valorizar a identidade do outro para que os outros também possam valorizar a sua individualidade. E assim, poder ser solícito perante a sociedade.

REFERÊNCIAS:

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. 19ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CYRULNIK, Boris. *Os Patinhos Feios*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CYRULNIK, Boris. *Autobiografia de um espantalho. Histórias de resiliências: o retorno à vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

DURKHEIM, Émile. *Educação e sociologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LIBÂNEO, José Carlos. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*; 6ª edição, São Paulo, Heccus Editora (2013).

MORENO, Montserrat. et al. *Falemos de sentimentos: a afetividade como um tema transversal*. São Paulo: Moderna, 1999.

SOUZA, Liliane P. de. A violência simbólica na escola: contribuições de sociólogos franceses ao fenômeno da violência escolar brasileira. Revista LABOR, nº7, v.1, 2012, pp. 20-34.

SEQUEIRA, Vânia Conselheiro. *Resiliência e abrigos*. Bol.-Acad. Paul. Psicol. v.29, n.1, São Paulo, Jun. 2009.

WEDDERHOFF, Elísio. Educação Emocional: Um novo paradigma pedagógico?. Revista Linhas, Florianópolis, v. 02, n.1, Jul. 2001.